

A MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2000.

Rodolfo Alves de Macedo¹

“Inútil fechar-se no pequeno mundo doméstico e julgar-se tão protegido quanto Robinson Crusóe em sua ilha. Somos uma teia de relações. O fluxo mundial invade o lar, a mente, o espírito, através da TV, do computador, do celular, da publicidade e da mídia”.
(Frei Betto)

O início do fenômeno da globalização é difícil de precisar. Os historiadores bem o sabem. Teria sido no fim do século XV com as Grandes Navegações, que permitiram as sociedades europeias entrarem em contato com outros povos de outros continentes estabelecendo novas relações comerciais? De qualquer forma, sabemos que o uso do termo “globalização” como temos utilizado neste início de século XXI esteve muito em voga no discurso do campo econômico desde a expansão do neoliberalismo no século XX, uma vez que globalização pode ser compreendida como “a crescente integração das economias e das sociedades no mundo, devido aos fluxos maiores de bens, de serviços, de capital, de tecnologia e de ideias” (Dollar apud Charlot, 2013, p. 47).

Tendo nascido como um fenômeno econômico a partir dessa abertura de fronteiras, a globalização gerou impactos diversos e tornou-se também um fenômeno social, político e cultural, de modo que a vida social cotidiana passou a ser reorientada por um novo fato social, em terminologia durkheimiana, posto que externo, geral e coercitivo. Há quem interprete os impactos da globalização – enquanto abertura de fronteiras – de maneira apocalíptica e há quem veja o problema não na globalização em si, mas sim na forma como a globalização tem se dado como progressão do neoliberalismo.

¹ Mestre em Educação pela PUC-SP. Email: rodolfo.macedo95@gmail.com

Ao pensar a mundialização da cultura, considerando a crescente circulação de bens culturais, poderíamos considerar a existência de uma “democratização da cultura”? Por um lado, poderíamos considerar que a mundialização da cultura levaria à sua homogeneização com a difusão de valores, costumes e modos de vida de países dominantes do norte global, formando uma cultura universal mediante um processo de americanização; por outro lado, haveria também a possibilidade de resistência do local sobre o global; ou ainda um estímulo à diversidade cultural ou a um hibridismo cultural. Fato é que a relação entre cultura e globalização é complexa e multifacetada. Então, como interpretar a cultura no mundo contemporâneo?

Tendo isso em mente, o antropólogo francês Jean-Pierre Warnier busca fazer uma reflexão sobre o tema em sua obra *A mundialização da cultura*. Doutor em Letras pela Universidade de Paris X (Nanterre) e Ph.D. pela Universidade da Pensilvânia, Warnier realizou pesquisas etnológicas em Camarões e Nigéria. No Brasil, tem publicada sua obra *Etnologia-Antropologia*, em coautoria com o também antropólogo Philippe Laburthe-Tolra.

A obra *A mundialização da cultura* de Warnier se insere em seu rol de pesquisas cujo interesse reside na cultura material e está estruturada de modo a abarcar questões como: revolução industrial, cultura e tradição, indústria cultural e políticas culturais, todas elas divididas em introdução, 7 capítulos e conclusão. Publicada na França em 1999, ganhou tradução no Brasil por Viviane Ribeiro já no ano 2000 pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC). Portanto, cabe ressaltar os anos de publicação e tradução, dado que não se trata de uma publicação recente; entretanto, permanece atual no que tange seu conteúdo.

Um questionamento que Warnier faz pode ser resumido na seguinte pergunta: qual o peso das culturas locais diante do poder da indústria cultural? Logo na introdução, Warnier (2000, p. 10) expõe de maneira clara seu objetivo de “[...] forjar uma chave de interpretação do funcionamento do mercado mundial dos bens culturais, do contexto no qual ele opera, e de seu impacto”. Para isso, enfatiza a globalização do mercado de bens simbólicos que produz bens culturais de massa que circulam ao redor de todo o globo, mas considera a realidade das culturas localmente situadas, e explicita a confusão que decorre disso, desmistificando a ideia de uma cultura global, universal e homogênea.

No capítulo 1, “Arte zen versus *Titanic*”, Warnier (2000) discorre sobre a definição antropológica de cultura e como ela pode ser relacionada à tradição como meio de transmissão. Além disso, lembra outras dimensões da cultura como identificadora, à medida que fornece repertórios de ação que permitem identificação com o grupo e vice-versa. Ou seja, ao propor repertórios de ação, a cultura atinge a função de bússola que orienta os indivíduos no espaço. Não sendo estática, a transmissão da cultura é dinâmica e viva, posto que inserida no movimento da história, portanto, é passível de modificações. Neste ponto, é de se

considerar uma questão fundamental da reflexão sobre cultura e globalização: até que ponto a indústria interfere na cultura? A industrialização ocupa papel importante na fabricação de produtos culturais em larga escala. Adorno & Horkheimer bem discutiram os efeitos negativos da mercantilização da cultura, que a reduz à mera superficialidade. Warnier considera a própria indústria como cultura-tradição que produz bens culturais enraizada na nossa história recente, fornecendo meios de ação, como de alimentação ou indumentária, por exemplo.

Como questionamento central, no capítulo 2, “Fragmentação cultural e sistema mundial”, Warnier questiona quais as principais características que diferem a cultura-tradição da cultura globalizada, e diz ser a referência ao passado e sua fragmentação. Seu foco se dá em dissertar sobre três aspectos: de um ponto de vista histórico, podemos observar ao longo de toda a história da humanidade a fragmentação cultural e o contato com diferentes povos gerando diversidade sociocultural, o papel das trocas mercantis e o desenvolvimento de transportes e dos meios de comunicação na origem do sistema mundial moderno.

No capítulo 3, “A revolução industrial, prelúdio da globalização”, Warnier inicia abordando um quarto aspecto: a industrialização. Aqui, retoma as principais inovações técnicas associadas à produção industrial que colocam a base da indústria como cultura, como a imprensa, a fabricação industrial do papel, as impressoras rotativas, a criação das agências de notícias, a profissionalização dos jornalistas e, sobretudo, a eletricidade, chegando até a televisão. Tais inovações modificaram a comunicação e aumentaram os fluxos mundiais de capitais e de bens, transformando as economias locais e dando origem às indústrias da cultura. E é diante deste poder da indústria cultural de economia mercantil que as culturas locais ficam subordinadas.

No capítulo 4, “Panorama mundial das indústrias da cultura”, como explicitado pelo título, Warnier busca esboçar a paisagem da atual indústria cultural. Conforme apontado no início da obra, a cultura industrial se destina à inovação, inclusive em diferentes setores de atividade. Segundo Warnier (2000), mesmo entre os especialistas não há consenso sobre quais os setores devem ser considerados na análise, pois é relativo ao objetivo que se pretende atingir. Warnier (2000, p. 69) afirma que seu objetivo o leva a “considerar todos os ramos de atividade que têm um impacto cultural”. Dessa forma, analisa aqui as atividades com conteúdo cultural, como o cinema, os livros e discos de música, as atividades de comunicação, como a mídia, além de atividades culturais geralmente não consideradas como pertencentes à indústria cultural, como a indústria alimentícia e de vestuário. Neste último ponto, Warnier se diferencia na análise, posto que, ao considerar cultura como capaz de fornecer meios de ação, considera também a indústria alimentícia nesta seara.

No capítulo 5, “As políticas culturais”, Warnier trata de uma questão decorrente da globalização dos fluxos mercantis e midiáticos: o impacto nas

políticas culturais dos Estados. Sabe-se que o setor cultural movimenta grandes quantias de capital financeiro anualmente e são um ramo importante da economia. Esta é a primeira constatação de Warnier sobre as políticas culturais. A segunda é a mídia, que permite a grupos privados maior controle sobre a comunicação e seu conteúdo, ou seja, as ideias, as ideologias, propaganda política, entre outros. A terceira constatação trata-se da intrínseca relação entre cultura e educação, posto que a transmissão das tradições culturais se apoia no patrimônio herdado e transmitido pela educação. Sendo um forte setor da economia, as políticas culturais recebem atenção do Estado, que ora podem estar a favor da defesa de particularismos, ora contra. No contexto brasileiro, cabe menção às lutas dos povos indígenas pela demarcação de terras.

Todos estes tópicos desenvolvidos até aqui desaguam na visão que Warnier tem acerca do fenômeno da globalização da cultura: uma ilusão de ótica ou “absurdo de linguagem” (Warnier, 2000, p. 165), pois se trata de uma globalização de certos mercados de bens, e não a cultura em si. Em ambos os capítulos 6, “A erosão das culturas singulares”, e 7, “Uma abundância de criações culturais”, Warnier discorre sobre a multiplicidade de culturas singulares e de criações de bens diante de grandes fluxos a nível mundial. Porém, Warnier vai além de observar a circulação mundial de bens de cultura, e estuda como esses bens são recebidos, apropriados, usados e reelaborados e integrados pelas culturas locais. Um bom exemplo poderia ser observado pela gastronomia. Apropriamo-nos da culinária japonesa no Brasil. No entanto, não se trata de uma transposição ou de uma incorporação estática, mas de uma adaptação ao paladar local. Trata-se de uma releitura inusitada do tradicional.

Por se tratar de um tema em voga no atual debate sobre os impactos da indústria cultural na sociedade contemporânea, a obra de Warnier contribui enormemente com a reflexão sobre até que ponto ela é capaz de exercer poder sobre culturas-tradições e como estas podem recebê-la, interpretar-na e incorporá-la. Ao longo do livro, estruturado de maneira coesa e escrito em linguagem clara, Warnier expõe de maneira bastante eficiente as razões pelas quais pensar uma globalização da cultura como um todo homogêneo a nível mundial é simplesmente insustentável dada a capacidade inventiva de agência dos sujeitos. Consideramos que o livro se destina principalmente aos acadêmicos das ciências humanas já iniciados em antropologia e no debate sobre indústria cultural; no entanto, também seria de grande utilidade aos demais interessados devido à sua linguagem clara. Decidimos iniciar este texto com a epígrafe de Frei Betto pois, de certo modo, reconhece o poder de influência da indústria cultural na criação de consenso e de disseminação de ideologias. Nesse sentido, reconhecemos que permanecer inertes diante dessas influências pode ser infrutífero.

Referências

CHARLOT, Bernard. Educação e globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. In: _____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 35-61.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2000.